

A reescritura do “pródigo” em um conto de Guimarães Rosa: uma leitura comparativa diferencial

Doutoranda Alyere Silva Fariasⁱ (UFRN)
Prof. Dr. Márcio Venício Barbosaⁱⁱ (UFRN)

Resumo:

Neste trabalho, procuraremos analisar, sob a ótica da Comparação Diferencial, os traços distintivos entre o conto rosiano “Traços Biográficos de Lalino Salãthiel ou a Volta do Marido Pródigo”, segundo texto de Sagarana, de Guimarães Rosa, e a narrativa bíblica do Filho Pródigo, encontrada no evangelho de Lucas 15:11-32. Desenvolvemos nosso estudo sob a perspectiva da Comparação Diferencial, com base na noção de reescritura, adotada por Ute Heidmann, e também em sua proposta de abordagem discursiva e textual no estudo do texto literário, de forma interdisciplinar, considerando a dinâmica da realização dos textos, ou elementos comparáveis na língua, no texto e no discurso (HEIDMANN,2010). O processo de reescritura pode ser apontado pelas nuances próprias da vida de Lalino.

Palavras-chave: comparação diferencial, reescritura, filho pródigo, Guimarães Rosa.

1 Introdução

Nosso estudo deve considerar os títulos dos textos, como também o discurso do narrador e dos personagens. Consideraremos ainda o uso do termo "pródigo", que significa “esbanjador”, a despeito do senso comum que conferiu outro significado ao termo, mais relacionado a arrependimento e à ideia de redenção que se estabeleceu no imaginário cristão. Desenvolveremos nosso estudo sob a perspectiva da Comparação Diferencial, especificamente no que tange à contribuição de Ute Heidmann.

Com base na noção de reescritura, adotada pela referida autora, e também em sua proposta de abordagem discursiva e textual no estudo do texto literário, de forma interdisciplinar, considerando a dinâmica da realização dos textos, ou elementos comparáveis na língua, no texto e no discurso (HEIDMANN,2010).

O nosso procedimento de análise se opõe à comparação universalizante e generalizadora, dessa forma, não tem como interesse o estabelecimento de um padrão ou esquema que possa ser aplicado à análise da obra de Guimarães Rosa, ou à reflexão sobre o conto brasileiro, nem tampouco propõe que possamos descobrir um modelo de texto original, ao qual os textos a serem estudados por nós se filiaríamos, demonstrando semelhanças, visto que não refletimos a partir de uma visão hierarquizante sobre os objetos comparados.

De acordo com esta perspectiva, concebemos o texto como *discurso* (HEIDMANN, 2010, p. 63) e observamos que a noção de discurso aqui adotada é a concebida por Dominique Maingueneau (2002), que consiste em uma forma de apreender a língua, assim considerando seu sistema interno, a ideologia e as competências sociais.

Compreendemos, assim, que o ato de comparar não pode prescindir do reconhecimento da diferença entre os comparáveis (HEIDMANN, 2010, p. 65), dessa forma, nosso interesse é investigar de que maneira os dois textos que fazem parte desta análise são diferentes entre si e o que estas diferenças podem indiciar, no âmbito *linguageiro*, literário e cultural (HEIDMANN, 2010, p. 65) sobre a escrita deste conto de Guimarães Rosa. Como se percebe na leitura do conto, há uma

clara retomada da Parábola do Filho Pródigo, visto que temos um personagem que pertence a um lugar, rompe com seus laços e se ausenta por um período no qual dá vazão aos seus desejos e sonhos, de forma pródiga, e depois retorna para recuperar o status inicial. O processo de reescritura pode ser apontado pelas nuances próprias da vida de Lalino, que, por exemplo, é marido e não filho, não avisa aos parentes que vai romper com sua relação, e não se arrepende, mas retorna e triunfa, por meio de um “plano” bem armado.

2 Uma abordagem diferencial

O nosso procedimento de análise se opõe à comparação universalizante e generalizadora, dessa forma, não tem como interesse o estabelecimento de um padrão ou esquema que possa ser aplicado à análise da obra de Guimarães Rosa, ou à reflexão sobre o conto brasileiro, nem tampouco propõe que possamos descobrir um modelo de texto original, ao qual os textos a serem estudados por nós se filiariam, demonstrando semelhanças, visto que não refletimos a partir de uma visão hierarquizante sobre os objetos comparados.

Para Heidmann (2010), a análise comparativa diferencial se estabelece a partir da relação efetiva com o texto, especificamente no que ela chama de suas dimensões *linguageira* e *discursiva*.

De acordo com esta perspectiva, o texto é concebido como *discurso* (HEIDMANN, 2010, p. 63), e a comparação não pode prescindir do reconhecimento da diferença entre os comparáveis, a saber, “apesar do traço comum, percebido em primeiro lugar, os fenômenos ou textos a serem comparados são fundamentalmente *diferentes*” (HEIDMANN, 2010, p. 65), dessa forma, nosso interesse é investigar de que forma os textos são diferentes entre si e o que estas diferenças podem indiciar, no âmbito *linguageiro*, literário e cultural (HEIDMANN, 2010, p. 65) sobre os contos de *Sagarana*.

Observamos que a noção de discurso aqui adotada é a concebida por Dominique Maingueneau (2002), que consiste em uma forma de apreender a língua, assim considerando seu sistema interno, a ideologia e as competências sociais (BRANDÃO, 2004, p. 17).

Assim, consideramos relevante observar o que diz uma das responsáveis pelo seu desenvolvimento, a respeito das contribuições que esta abordagem traz para o estudo do texto literário:

Esse método de análise comparativa se distingue do uso da comparação nos estudos tradicionais pelo fato de aproximar textos não pelas características estáticas que apresentam, como a presença de certos motivos, idéias, traços de gênero, entre outros, mas relativamente à dinâmica de sua realização *na língua, no texto e no discurso*. (HEIDMANN, 2010, p. 71)

Nossa proposição de análise considera a dinâmica de realização referida acima, e busca refletir sobre o uso dos signos (ADAM e HEIDMANN, 2011, p. 110) enfatizando a investigação de certa relação cotextual identificada entre o conto selecionado e os oito que integram esta coletânea, organizada nesta ordem pelo autor.

3 Os pródigos

Como observamos, iremos proceder à leitura dos dois textos, considerando suas “particularidades estilísticas, narrativas e genéricas” (HEIDMANN, 2011, p.70). Ao lermos o título do conto “Traços Biográficos de Lalino Salãthiel ou A Volta do Marido Pródigo” levantamos a hipótese de que o texto deve retratar uma parte da vida de Lalino Salãthiel.

O capítulo 15 de Lucas tem por tema a acolhida aos que se perderam. Considerando o contexto desta escritura, aqui utilizo este termo despido de sua sacralidade e investido de sua significação teórica enquanto processo de escrita, temos um rabino judeu que se aproxima de

pessoas que não vivem de acordo com os preceitos judaicos, estes nos são apresentados como os “pecadores”. Antes do versículo 11, há a narrativa da ovelha desgarrada e da moeda de ouro perdida, para que se introduza a narrativa objeto deste estudo, então observamos uma progressão da reflexão sobre o retorno, do animal, enquanto bem de consumo, do dinheiro e, por fim, do filho.

No conto de Guimarães, temos duas narrativas introdutórias também, mas que são trechos de cantigas, a saber:

Negra danada siô, é Maria:
Ela dá no coice, ela dá na guia,
Lavando roupa na ventania.
Negro danado, siô, é Heitô:
De calça branca, de paletó,
Foi no inferno, mas não entrou!
(Cantiga de batuque, a grande velocidade)

- Ó seu Bicho- Cabaça!?! Viu uma
Velhinha passar por aí?...
- Não vi velha, nem velhinha,
Corre, corre, cabacinha...
Não vi velha, nem velhinha,
Corre! Corre! cabacinha...
(De uma estória)
(ROSA, 2001, p.99)

As estrofes acima já podem demonstrar a presença efetiva dos textos da oralidade a escrita de *Sagarana* pelas canções, causos e versos, além da linguagem das pessoas que habitavam a sua terra natal (BITTENCOURT e LOPES, 2008) e é importante evidenciar que as fontes das estrofes são citadas, mesmo que de forma um pouco pálida, mas percebe-se a preocupação com o registro da fonte.

A primeira, que é parte de uma cantiga de batuque, cita dois personagens danados, pessoas singulares que, como Lalino, conseguem realizar tarefas extraordinárias, como lavar roupa na ventania e ir até o inferno e voltar. Vale ainda salientar que são dois negros, ou seja, estão em uma condição que se aproxima da do personagem principal do conto, como veremos adiante, por também fazerem parte de uma camada da população desprestigiada e alvo de preconceitos quanto à sua capacidade intelectual.

Já a segunda estrofe é um trecho de uma estória na qual, ao ser indagado sobre uma velhinha, o bicho-cabaça nega tê-la visto, com a mesma astúcia do personagem do conto de Guimarães Rosa, enquanto ordena que a “cabacinha” corra. Por não conhecermos a estória a que o trecho se refere, só podemos ter suspeitas quanto à sua significação, e uma delas é de que a velhinha estivesse escondida na cabacinha e por isso, com astúcia, o Bicho-Cabaça diz que não lhe viu e ainda lhe dá fuga. Por desconhecer seu contexto, não nos deteremos à análise destes trechos, e reafirmamos que nossos comentários acerca delas são apenas conjecturas.

Ainda sobre essa repetição do tema em três narrativas, é interessante retomar a cabala judaica, que sobre o número três acrescenta:

É, portanto, neste terceiro dia que nasce a Árvore da Vida com seus 10 frutos, sendo que o fruto de número 3 chama-se Biná = Compreensão. Compreendamos que mais que seres humanos na busca de uma experiência divina somos sim seres Divinos, feitos a Sua imagem e semelhança, que vivenciamos uma experiência humana. Tomando consciência do nosso ser divino, nosso humano caminho cabalista da ascensão vai da miséria à prosperidade. Estas duas palavras são o duplo sentido esotérico oculto que o Sefer Yetzirá atribui a letra Guimel (MANDELBAUM, s/d, p. 01)

Na narrativa de Lucas, o pai tem dois filhos – “Um homem tinha dois filhos” (Lucas 15:11), informação dada no início da narrativa, enquanto no conto nós temos a descrição do ambiente do protagonista, com sua dureza e dificuldade – há a descrição do trabalho de construção da rodovia Belo Horizonte – São Paulo. Assim, temos um filho rico e um marido pobre.

O filho mais novo pede sua parte da herança. Ora, nós sabemos que isso só pode ser alcançado após a morte do testador (Pai). “E o mais moço deles disse ao pai: Pai, dá-me a parte dos bens que me pertence. E ele repartiu por eles a fazenda” (Lc 15:12). Lalino, personagem de Rosa, não tem a quem pedir herança, então vende a mulher para o espanhol seu Ramiro. Os dois protagonistas conseguem o financiamento para fazer uma viagem através de desrespeito às regras sociais em relação à família. A diferença está em como realizaram este feito.

O filho pródigo “desperdiça” toda a sua herança,. “E, poucos dias depois, o filho mais novo, ajuntando tudo, partiu para uma terra longínqua, e ali desperdiçou os seus bens, vivendo dissolutamente. E, havendo ele gastado tudo, houve naquela terra uma grande fome, e começou a padecer necessidades” (Lc 15:13-14). e Lalino parte para o lugar de seus sonhos, o Rio de Janeiro, para encontrar as prostitutas européias que descrevi sem nunca ter visto, até que o dinheiro acaba e a saudade aperta.

O próximo passo na narrativa do filho pródigo é a humilhação através do cuidado com os porcos, atividade bastante simbólica na cultura judaica. “E foi, e chegou-se a um dos cidadãos daquela terra, o qual o mandou para os seus campos, a apascentar porcos. E desejava encher o seu estômago com as bolotas que os porcos comiam, e ninguém lhe dava nada” (Lc 15:15-16)

Na humilhação, o personagem toma consciência de que estaria melhor se voltasse para a casa de seu pai : “E, tornando em si, disse: Quantos jornaleiros de meu pai têm abundância de pão, e eu aqui pereço de fome! Levantar-me-ei, e irei ter com meu pai, e dir-lhe-ei: Pai, pequei contra o céu e perante ti; já não sou digno de ser chamado teu filho; faze-me como um dos teus jornaleiros” (Lc 15:17-19).

Nesse momento, se dá o retorno do filho que viveu prodigamente:. “E, levantando-se, foi para seu pai; e, quando ainda estava longe, viu-o seu pai, e se moveu de íntima compaixão e, correndo, lançou-se-lhe ao pescoço e o beijou. E o filho lhe disse: Pai, pequei contra o céu e perante ti, e já não sou digno de ser chamado teu filho. Mas o pai disse aos seus servos: Trazei depressa a melhor roupa; e vesti-o, e ponde-lhe um anel na mão, e alparcas nos pés; e trazei o bezerro cevado, e matai-o; e comamos, e alegremo-nos; porque este meu filho estava morto, e reviveu, tinha-se perdido, e foi achado. E começaram a alegrar-se” (Lc 15:20-24).

Para finalizar, ainda há o ciúme do filho mais velho, enquanto o pai desconsidera o que o mais moço fez e se importa apenas com o retorno do membro da família: “E o seu filho mais velho estava no campo; e quando veio, e chegou perto de casa, ouviu a música e as danças. E, chamando um dos servos, perguntou-lhe que era aquilo. E ele lhe disse: Veio teu irmão; e teu pai matou o bezerro cevado, porque o recebeu são e salvo. Mas ele se indignou, e não queria entrar. E saindo o pai, instava com ele. Mas, respondendo ele, disse ao pai: Eis que te sirvo há tantos anos, sem nunca transgredir o teu mandamento, e nunca me deste um cabrito para alegrar-me com os meus amigos; vindo, porém, este teu filho, que desperdiçou os teus bens com as meretrizes, mataste-lhe o bezerro cevado. E ele lhe disse: Filho, tu sempre estás comigo, e todas as minhas coisas são tuas; mas era justo alegrarmo-nos e folgarmos, porque este teu irmão estava morto, e reviveu; e tinha-se perdido, e achou-se” (Lc 15:25-32).

Assim, rememorando a narrativa do Filho Pródigo da passagem bíblica, esperamos que Lalino Salãthiel se afaste de sua terra natal, esbanje seus bens em uma vida desregrada e volte a viver com a sua esposa, sendo recebido com honras.

De fato, é óbvia a reescritura da Parábola do Filho Pródigo, visto que temos a relação clara de um personagem que pertence a um lugar, rompe com seus laços e se ausenta por um período no qual dá vazão aos seus desejos e sonhos, de forma pródiga, e depois retorna para recuperar o status inicial. O processo de reescritura pode ser apontado pelas nuances próprias da vida de Lalino, que é marido e não filho, não avisa ao parente que vai romper com sua relação, no caso a sua mulher

Ritinha, e não se arrepende, mas retorna e triunfa, por meio de um “plano” bem armado.

Entre uma ponta e outra da narrativa, conhecemos os traços da biografia de Lalino que vão completar o esboço que nos foi oferecido no título. Assim, o conto narra um período da vida de Eulálio de Souza Saláthiel, o Lalino ou Laio, que compreende seu último dia de trabalho nas obras da rodovia Belo Horizonte- São Paulo, o abandono da esposa para poder realizar sua viagem dos sonhos ao Rio de Janeiro, seu retorno ao povoado e suas peripécias para conquistar um novo lugar de prestígio naquela sociedade e reaver Maria Rita, a esposa a quem havia abandonado.

Seu nome revela traços essenciais de sua personalidade e que mais tarde farão parte da construção dos personagens inteligentes e sagazes na obra de Guimarães Rosa, como bem observa Roncari,

Lalino, Eulálio de Souza Saláthiel, foi a primeira tentativa do autor de representar um tipo característico, quer dizer, "brasileiro", e as suas experiências e condições de formação na nossa vida social e política. Já o seu nome fala por si, *eulalios*, o bem-falante, porém num registro satírico, como o proseador, loquaz, aquele que mais fala do que faz, e de cujas palavras temos sempre que desconfiar (...) um contador nato de causos e patranhas, um artista no sentido popular do termo, de verve natural e espontânea, capaz de encantar e enganar, pelo modo como dá corda à imaginação e ele próprio acaba acreditando na sua prosápia. (RONCARI, 2004 p. 28-29)

Eulálio é falante e contador de histórias, o que atrai a atenção de todos, seja no arraial, seja no posto de trabalho, o bem-falante se destaca e consegue ter êxito em seus propósitos, mas acaba por despertar comentários sobre a sua pessoa, como no momento em que Generoso e Corrêia, seus colegas de trabalho na construção da rodovia começam a comentar sobre o comportamento de Lalino:

Generoso e Corrêia se afastaram, catando gravetos. Generoso tem maus bofes:
- O que esse me arrelia, com o jeito de não se importar com nada! Só falando, e se rindo contando vantagens... Parece que vê passarinho verde toda-a-hora... Se reveste de bobo!
- É, mas, seja não: é só esperto, que nem mico-estrela (...)
(ROSA, 2001, p. 105)

Eulálio é definido por seu nome, é falador, tagarela e, provavelmente, não por acaso, é descrito com a nítida definição de seu nome, por um personagem que se chama “Generoso”, que, por sua vez, não assume essa característica, visto que em todo o conto ele se coloca em uma posição contrária ao personagem principal, rechaçando seu comportamento e denegrindo a sua imagem, como ao chamá-lo de bobo e, algumas linhas à frente, insinuar que Eulálio está sendo traído pela sua esposa com o espanhol Ramiro.

Eulálio conta causos, e o faz com tantos detalhes e certeza que acaba se convencendo de que suas histórias correspondem à verdade e parte em busca dela. A proximidade do seu apelido *Lalino* com o termo *ladino*, apontada por um dos colegas de trabalho, "uns acham um assim sabido, que é muito ladino" (ROSA, 2001 p. 105) nos oferece um termo que também é capaz de definir o personagem, dada a sua astúcia.

Lalino é *ladino*, no sentido de esperto, manhoso e astuto (MARTINS, 2008), uma de suas características apontadas pelo mesmo Generoso. Já seu apelido *Laio*, pode ser relacionado tanto ao termo grego para “povo”, reafirmando a sua popularidade, além de nos remeter a mais uma reescritura, a partir do personagem grego homônimo da tragédia de Sófocles “Édipo Rei”. Pai do personagem Édipo, Laio, além do nome, divide com o personagem de Rosa o fato de perder sua mulher.

O personagem principal, ainda traz em seu nome mais uma possível reescritura de uma passagem bíblica referente ao sacerdote Salatiel, que viveu possivelmente na época de Ciro, rei da

Pérsia, e é citado nos textos de genealogias, no hebraico “Tôledôt”, sua primeira aparição se encontra em I Crônicas 3:17, e uma curiosidade é que este sacerdote é apontado na genealogia do Messias, nos livros de Mateus 1:12 e Lucas 3:27, e esta citação é alvo de discussões por parte de estudiosos no judaísmo e no cristianismo.

Para uma vertente judaica, o principal questionamento em relação a este profeta põe em cheque a ideia de que Jesus seria o Messias, esta discussão pode nos apontar uma possível reescritura da história de Salatiel feita por Guimarães Rosa. O profeta, de acordo com uma maldição escrita em Jeremias 22:30, não poderia fazer parte da genealogia do verdadeiro Messias. Esperava-se que o Messias descenderia da linhagem de Davi, mas com a maldição lançada sobre o seu descendente Jeconias, pai de Salatiel, não havia como esperar o cumprimento das profecias.

Este último sobrenome do personagem de Guimarães Rosa, *Salãthiel*, significa no hebraico “aquele que eu pedi a Deus”, e pode ser relacionado com o momento em que o personagem encontra o filho do Major Anacleto e este último lhe oferece um serviço na política da região. Lalino *Salãthiel* não poderia ser aceito naquela comunidade, depois de suas ações ele sofreu um repúdio no momento de sua volta, mas acabou por ser o responsável pela grande realização do seu poderoso chefe político, ao auxiliá-lo a conseguir a vitória.

Como era de se esperar, o favor que Lalino parece estar recebendo, na realidade é benefício para o Major, que precisava ganhar as eleições, como observa o Tio Laudônio, homem esperto, irmão do Major Anacleto: “-Um mulato desses pode valer ouros... A gente esquentava a cabeça dele, depois solta em cima dos tais, e sobra... Não sei se é de Deus mesmo, mas uns assim têm qualquer um apadrinhamento...” (ROSA, 2001, p. 128).

Observamos que o próprio Tio Laudônio faz relação entre o reaparecimento de Lalino e o momento em que se encontram, ao dizer ao seu irmão “não sei se é de Deus mesmo”, assumindo a providência dos serviços do “mulatinho” nas eleições que se aproximavam e nas quais poderiam ser derrotados por estarem perdendo aliados importantes.

Ainda a respeito do sobrenome *Salãthiel*, há outras possíveis explicações que se aliam à que expusemos e também revelam muito sobre o nosso personagem. De acordo com Roncari (2004), o nome *Salãthiel* remete a *satã* e *Salam* - a saudação muçulmana, além da relação mais óbvia com *Salathiel* personagem bíblico da genealogia de Jesus, relacionando-se tanto a Deus quanto ao diabo, tanto ao bem quanto ao mal:

[...] o sobrenome esdrúxulo, nos dois sentidos da palavra – o acento esdrúxulo deve tonificar a acepção de *esquisito* do termo-, *Salãthiel*, que parece remeter foneticamente a *Satã*, lembra também a saudação muçulmana, *Salam*, “paz, salvação”, e se conclui no *Salathiel*, sem o acento esdrúxulo, o filho de Jeconias, o cativo, e pai de Zorobabel, elos intermediários na cadeia genealógica que liga Adão a Jesus e Deus (Marcos 3: 23-28). Um nome, portanto que remete a Deus e ao diabo. (RONCARI, 2004, p.29)

Eulálio de Souza *Salãthiel*, o Lalino, é falador, esperto e, quando convém, é bem oportuno para seus chefes e a sociedade. Tem parte com Deus ou com o diabo, de forma que seus quengos sempre têm êxito. Traz uma ideia e um plano traçado, que não é o do pícaro e nem a do malandro, e que se transforma no que chamaremos de seu grande triunfo, que consiste em vender a mulher e conseguiu-la de volta sem que seja necessário qualquer pagamento.

As descrições do personagem Lalino, que são feitas pelo narrador ou pelos outros personagens partem todas do mesmo ponto: a questão da raça, para evidenciar a miscigenação, que, como afirma Roncari (2004):

[...] a hibridez e ambiguidade maior de Lalino, porém, reside no aspecto racial, pois, antes de tudo, ele é um mulato, “o mulatinho”, e é assim que a ele se referem tanto o narrador como as demais personagens, recordando e confirmando boa parte dos estereótipos sobre o mulato produzido pela literatura naturalista. (RONCARI, 2004)

p. 30)

A observação de Roncari (2004) sobre Lalino chama a atenção para que a cor da pele é usada para explicar seus traços psicológicos e a sua inadequação ao contexto da sociedade. Podemos citar diversos trechos do conto em que a caracterização de Lalino enquanto mestiço serve para explicar suas ações e principalmente para evidenciar o que os outros personagens consideram como defeito, e para explicitar esta concepção são utilizados muitos termos da cultura popular, bem como um conto da oralidade, como veremos adiante.

A fim de exemplificar esta ocorrência, citamos um trecho dos comentários dos personagens seu Oscar e Tio Laudônio sobre Lalino, respectivamente:

Eu só pensei, porque o mulatinho é um corisco de esperto, inventador de tretas (ROSA, 2001, p.127)

[...] é uma raça de criaturas diferentes, que os outros não podem entender... gente que pendura o chapéu em asa de corvo e guarda dinheiro em boca de jia... ajusta o mulatinho, mano Cleto, que esse-um é o Saci. (ROSA, 2001, p. 128-129).

Tio Laudônio inicialmente expõe que o mulato tem características próprias de sua raça, o que faz Lalino ser singular como o próprio Saci, que para Martins (2008) corresponde a caracterizar Lalino como esperto, vivo e preto, assim como o saci, um personagem do folclore brasileiro ardeiro, ágil e buliçoso. Já seu Oscar, em vários trechos da narrativa, expõe as características de Lalino sempre partindo da sua cor de pele, como esta justificasse suas características psicológicas.

Apenas para Maria Rita, sua esposa, Lalino apresenta outros traços além da questão racial, como se observa no trecho “Maria Rita ainda ficou longo tempo curvada sobre as formas tranquilas e o rosto de garoto cansado, envolvendo-o num olhar de ternura restante” (ROSA, 2001, p. 111), só então, a partir do olhar de Maria Rita, descobre-se que ele é apenas um menino.

O conto de Guimarães Rosa se inicia com a descrição do trabalho repetitivo dos burrinhos e dos trabalhadores cortando a terra. O paralelismo entre o trabalho de uns e de outros é ressaltado durante a descrição minuciosa de suas atividades, das quais Lalino não participa e com as quais não se identifica. Enquanto os colegas são como os burrinhos, Lalino é o sapo.

A aproximação entre o personagem Lalino e o sapo da narrativa popular do sapo e do cágado que foram para o céu, narradas na quinta parte do conto, remetem à fraqueza do caráter do personagem, como ressalta Roncari (2004), lembrando que em francês, *crapaud*, sapo, é um termo utilizado também em referência aos homens de moral baixa ou sem moral.

Conclusão

Esta aproximação inicial buscou se fundamentar na abordagem comparativa diferencial como método de estudo do texto literário. As evidências aqui apontadas serão fruto de maiores reflexões, visto que sugerimos apenas alguns indícios que podem ser analisados nos contos que selecionamos nessa perspectiva de estudo analítico do texto.

Dessa maneira, é possível observar que a forma como se dá a inserção de textos da oralidade no conto selecionado pode indiciar um discurso sobre o sertanejo que privilegia a astúcia, uma característica que pode ser positiva, se no contexto se revela enquanto inteligência, ou pode consistir em um epíteto negativo, quando também no contexto, os outros personagens consideram que foram lesados de alguma forma e se consideram vítima da esperteza.

Ainda faremos estudos que poderão fundamentar esta primeira observação, e assim, analisar o que este discurso sobre o sertanejo pode significar em seu contexto e também no contexto. A presença de uma pequena história dentro da narrativa com uma carga simbólica que pode vir a ser reveladora para a nossa leitura, não apenas em relação à inserção do popular.

Referências Bibliográficas

- 1] ADAM, Jean-Michel; HEIDMANN, Ute. **O Texto Literário**: por uma abordagem interdisciplinar. São Paulo: Cortez, 2011.
- 2] HEIDMANN, Ute. Comparatismo e análise de discursos: a comparação diferencial como método. In: ADAM, J. M.; HEIDMANN, U.; MAINGUENEAU, D. **Análises Textuais e Discursivas**: metodologia e aplicações. São Paulo: Cortez, 2010.
- 3] MAINGUENEAU, Dominique. Discours. In: CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dictionnaire d'analyse du discours**. Paris: Seuil, 2002.
- 4] MANDELBAUM, Benjamin. **O 3 = GUIMEL**. Disponível em <<http://www.cjb.org.br/bina/cabala/benjamin/Letras%20e%20Numeros/O%203.pdf>> Acesso em 15 setembro 2012.
- 5] MARTINS, Nilce Sant'Anna. **O Léxico de Guimarães Rosa**. 3ª ed. São Paulo: EDUSP, 2008.
- 6] RONCARI, Luiz. **O Brasil de Rosa**: o amor e o poder. São Paulo: UNESP, 2004.
- 7] ROSA, João Guimarães. Traços Biográficos de Lalino Salãthiel ou a Volta do Marido Pródigo. In: _____. **Sagarana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001

i Autor(es)

Alyere FARIAS, Doutoranda

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
PPGEL
E-mail alyeresf@yahoo.com.br

ii Marcio BARBOSA, Prof. Dr.

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
PPGEL